

## **Turismo e Cinema: Experiências que Ocultam e Revelam Realidades da Cidade.**

**Lore Fortes<sup>1</sup>**

**Andréa do Nascimento Barbosa Cacho<sup>2</sup>**

**Michel Jairo Vieira da Silva<sup>3</sup>**

### **Resumo**

O artigo em questão pretende fazer uma comparação entre as experiências turísticas e cinematográficas de periferia que ocorrem no seio da cidade. A partir da apropriação do que está por traz do discurso de cada experiência desta (turismo e cinema), busca-se elucidar questões acerca da capacidade que a atividade turística tem de promover experiências artificializadas e destoantes da realidade do centro urbano em que se insere. Em contrapartida, o trabalho apresenta o recurso fílmico como instrumento midiático de representação da realidade de grupos locais - que em muitos casos não são envolvidos nas experiências turísticas de suas cidades. Trabalhando nesse eixo, onde possivelmente o turismo segregava e o cinema une, o artigo tenta desconstruir a idéia de que visitar a cidade é uma vivência mais real do que assisti-la em tela de projeção. Exemplificando essa diferenciação entre tais experiências, que denotam visões totalmente díspares sobre um mesmo lugar, se utilizou da análise dos espaços turísticos de Natal – RN, e de um documentário produzido e enredado na periferia da mesma cidade, promovendo uma discussão breve acerca de aspectos de turistificação, segregação social, realidade e alienação no âmbito dos centros urbanos.

**Palavras-chave:** Turismo. Cinema de periferia. Sociedade.

### **Introdução – Olhares Múltiplos Sobre A Cidade**

Uma jovem espera ansiosa por um coletivo há mais de 40 minutos, em um ponto de ônibus abarrotado de pessoas, que iguais a ela, se vêem cansados de um longo dia, seja de trabalho, seja de estudo. Fatidicamente, com a chegada do atrasado ônibus, um tumulto se forma, e o tíquete da estudante desprende-se de seus dedos e segue a ordem do vento, provocando o desespero da moça, que sai a percorrer toda a cidade na tentativa hilária de alcançar o vale-transporte fujão. Em meio a sua busca, ela se depara com empregadas domésticas voltando de seu trabalho para a periferia, evangélicos pregando a palavra de seu Deus, vendedores barulhentos de picolé, convencidos a ganhar seus trocados no grito, cobradores de ônibus entediados, pichadores de fachadas e suas gangues de torcida organizada

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

de futebol, sacoleiras apressadas, camelôs idosos oferecendo suas bugigangas, e alguns pedintes abaixo do escaldante sol da cidade.

Um turista vai a uma agência de viagens a procura de idéias para montagem de um pacote turístico que possa saciar o seu desejo de aproveitar os dias que lhes foram atribuídos de férias. Dentre muitos destinos atraentes, se dedica a observar um lugar com belíssimas praias paradisíacas, uma estrutura hoteleira vasta com preços convidativos, e alguns poucos pontos históricos que justifiquem a idéia de que está se tratando da possível visita a uma cidade. A passagem é comprada, e é só esperar o dia para vivenciar o que aquele destino parece ter se proposto a lhes dar. Chega o dia, o avião aterrissa com tranqüilidade em um tradicional aeroporto. O visitante é recebido por um guia que o conduz em um automóvel climatizado, por vias ordenadas e bem iluminadas até o seu hotel, localizado a beira mar de um bairro visivelmente iluminado em tudo, de energia, de segurança, de opções de lazer, de transporte, e de contatos com outros turistas que tiveram a mesma – ótima - escolha de visitar um destino turístico ímpar, uma cidade perfeita.

Pode parecer arbitrário, entretanto poderia se estar falando aqui de estórias que transcorrem no mesmo lugar, da mesma “porção de terra identificada por um nome” (CORIOLANO e SILVA, 2005, p.25). O primeiro momento foi extraído do roteiro de uma ficção cinematográfica enredada e exibida em festival de vídeo local. O segundo origina de breves relatos espontâneos dos que visitaram esse mesmo lugar, essa mesma cidade - um destino turístico do nordeste brasileiro. As duas estórias, ao delatar em seus discursos experiências no âmbito da cidade, parecem formalizar em suas óticas, idéias distintas que mais parecem corresponder a lugares diferentes e de certo isolados. E não seriam? Haveria duas cidades? Ou Calvino (1995, p. 30) estaria certo ao exigir que “se evite dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si”.

Neste momento está se falando da vivência no lugar que as pessoas têm, que se faz a partir da representação social que elas apreendem nas suas experiências “encenadas” neste espaço. Essa experiência inclui, para Woodward (1997), as práticas de significação e os processos de simbolismo abarcados nesta experiência que acaba por dar ao observador-participante o posicionamento díspar. É através disso que se constrói a representação das relações sociais, compreensão sobre a relação do indivíduo com a sociedade que *participa*, ou simplesmente *observa* (URRY, 2001), ou pensa que participa ou observa.

### **Turismo: Olhares Passivos Sobre a Cidade**

A incompatibilidade interpretativa anteriormente mencionada acena para a compreensão de que o turismo é, assim como outros fenômenos sociais recentes, uma atividade tipicamente sintomática do processo global, da condição pós-moderna das últimas décadas, onde, segundo Augé (1994, p. 74) estamos condenados ou “prometidos à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero”, em um contexto superficial e distanciado das realidades que nos cerca. É como se existisse uma linha tênue entre o real e o ficcional. A pós-modernidade seria, para as experiências sociais, como menciona Peixoto, (*apud* TRIGO, 1989, p. 203) “a aceitação da generalidade da ilusão”. Em um tipo de vivência compreendida antagonicamente como *realismo mágico*.

Como se observa, tais características - sinônimos da fugacidade das relações humanas - podem ser experimentadas também numa viagem turística, em que inúmeros são os destinos-espacos criados para atender aos mais diversos tipos de turismo e turista. E à medida que o sistema de mercado turístico sobrepõe o local, a construção sócio-espacial da comunidade, preocupantemente, pode se perder na especulação dos espacos (BACAL e MIRANDA, 1999). John Urry (2001) aponta uma tendência nas experiências turísticas, que seria a busca por viagens que envolvam experiências pessoais, sociais e culturais mais autênticas. Todavia, em muitos espacos turistificados, o objetivo é tornar mais convidativo aos olhos do turista na contramão desta tendência. O máximo que se consegue é reproduzir algo sem atribuir-lhe o sentido que o mesmo merece, restando ao turista o imaginário de uma cidade pirata, genérica, falsificada. Pela própria concepção de turismo (escolhas pessoais, sem obrigatoriedades), não se pode obrigar o visitante a uma socialização com o destino visitado, mas deixá-lo livre para optar entre o que é verdadeiro e o que é falso.

Em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, a liberdade pela escolha entre o *simulacro*<sup>4</sup> e o real nas cidades, geralmente não acontece, sendo mais prático, tanto para empresários como para governantes investir no primeiro (simulado), do que ordenar em todos os aspectos o espaco, encobrando, por conseguinte, seu legado, suas tramas, seu povo, criando uma metáfora do inalcanço do real (BOORSTIN, 1992). Criam-se a partir daí cidades

---

<sup>4</sup> Termo criado pelo filósofo Platão e estudado na sociedade pós-moderna de consumo por Baudrillard (1991), definindo-a como *reproduction artificielle*, em uma espécie de controle social, onde a aparência, característica da modernidade tardia, é colocada no lugar da realidade, vista a sua vantagem de maior atratividade.

não autênticas, ou com apelos turísticos fortemente estereotipados pobres em significado real, com representações alegóricas, quando não destoantes da cultura. A experiência de viajar a centros urbanos parece diluída, fragmentada, uma espécie de “casa pré-fabricada”.

Na condição de expectador de sua própria experiência turística, o visitante acabaria por “percorrer lugares facilmente reconhecíveis, devidamente preparados e encenados” (ARAÚJO, 2001, p. 57). O turista que agora tem grande facilidade de alcançar qualquer destino de lazer no globo enfrenta outro grande obstáculo – minar a dúvida se visitou de fato o lugar que buscava. Dúvida essa que alimenta a discussão levantada por Cruz (2007), que recentemente acrescentou ao conceito de *Não-Lugar* (antropológico, analisado na ótica do turismo), bolha turística, turismo sem território, para o termo *Pseudo-Lugar*, que enfatiza a idéia de uma cidade “fictícia”, que se coloca no lugar da cidade real, acreditando-se na sua aparente vantagem competitiva, por não apresentar irregularidades sociais, e possuir um produto turístico mais fácil de coordenar.

Essas experiências daltônicas nas viagens turísticas já foram fontes, como se percebe, de diversos estudos de caráter geográfico e sociológico. E apresentam temáticas bastante relevantes para a elucidação desse olhar manipulado do turista. Castrogiovanni (2000), por exemplo, coloca a necessidade da cidade ser vista pelo turista como resultado real da “evolução social” dos residentes. Pensa-se que quando não for para promover impactos negativos de aculturação, a experiência turística deve ocorrer de forma honesta, compreendendo o contato com a realidade do residente, sendo essa interação o momento do vislumbre das conquistas, da cultura, da complexidade, do que o espaço urbano pode significar na vida cotidiana dos que nele habitam. Todavia, muitos estudos descrevem a população residente timidamente valorizada, pouco beneficiada pelos louros oriundos da atividade, situações que acabam permitindo a segregação entre fluxos e fixos, e permitindo a coexistência de duas cidades dessemelhantes em um mesmo espaço.

### **Cinema: Olhares Atentos Sobre a Cidade**

Utilizando-se agora de um outro meio que pode proporcionar também uma experiência da cidade - a compreensão de uma realidade apreciada por uma projeção visual: o CINEMA – o artigo se dedicará a mostrar indícios da veracidade do discurso cinematográfico, quando o mesmo é enredado na cidade. Veracidade no sentido de entender o recurso áudio visual como elemento importante para conhecer um núcleo urbano – com suas nuances, contradições,

realidades. Einsestein (*apud* CARRIÉRE, 1994) já dizia que o cinema possibilitava uma *viagem* para a realidade de um grupo, era um olhar para dentro dos trâmites sociais, com aprofundamento e minúcia das diversas classes, observando bem de perto o que talvez outras expressões não possam mostrar. Uma película pode ser capaz de em uma só tomada desencadear a compreensão de toda uma trama social (JAMESON, 1996, *apud* GASTAL, 2005). Além de ser demonstração de pertencimento à cidade, de quem o produziu, o recurso fílmico - seja ficcional, seja documental - assim como o literário, em suas “subjetivas construções imaginárias (...) corresponde à representação da realidade e busca oferecer uma leitura plausível e convincente dos fatos”. (PESAVENTO, 1997, p. 27).

Filmes produzidos na cidade (como também no campo), com ela e por ela (a cidade), não podem ser vistos apenas como obra de *projeção* da cultura cinematográfica. Devem ser entendidos também como fonte rica de conhecimento do lugar, sendo uma construção midiática do povo e do espaço. Instrumento que, segundo Yázigi (2001) e ratificado por Cosgroove (1998, pg. 98), pode “fornecer uma firme base a respeito dos significados que o lugar possui, expressa e evoca”. Essa condição reveladora do cinema dará credibilidade à imagem no que tange à idéia de real e irreal discutida no turismo anteriormente, agora se aproximando do olhar do residente – daquele que tem uma propriedade ímpar para valorizar ou denunciar seu cotidiano. O cinema de periferia (terceiro cinema) é um exemplo claro de projeção dos signos de um lugar. Endossar essa idéia implica assumir a decifração do real pela representação imagética - pelas suas significações para os que vivem na cidade.

O cinema, assim como o turismo, é um produto que é resultado do meio sociopolítico-econômico em que foi criado, é também reflexo das relações sociais de poder, e acaba por sofrer influências políticas e culturais através dos olhos, vivência, medos, desejos, de determinado cineasta. E assim como os agentes planejadores do turismo, o cineasta quer ressaltar algo em sua obra. Todavia, neste caso, a imagem da cidade pode projetar não apenas a experiência pessoal do observador e sua vivência da cidade, uma espécie de discurso coletivo dos fixos. Gregotti (1972, *apud* COSTA, 2005), diz que as artes visuais em geral – pintura, fotografia e cinema – têm uma forte tendência a revelar um caráter excepcional da visão de quem o idealiza, daí sua contribuição para o compreender da cidade. Costa (2005, p. 86) ainda acrescenta que:

Os elementos que estão envolvidos nessa abstração da cidade, os discursos, símbolos, metáforas e fantasias relacionadas ao espaço da cidade moderna (cinema por exemplo), são os elementos através dos quais o indivíduo

empresta sentido à experiência de viver cotidianamente o urbano, e por isso mesmo, devem ser considerados.

Além de revelarem as tramas, o som, a cor do dia-a-dia urbano, elucidando em seu texto midiático sua tradição, também representa tendências, conflitos, e contra-fluxos sociais, transformando-se em “narrativas que tentam resolver ansiedades sociais” (KELLNER, 2001, p.104) criando assim, a partir da análise de tudo que o discurso fílmico quer tocar, um diagnóstico crítico da realidade da cidade, com uma segura visão da vida dos habitantes deste aglomerado urbano.

### **Entre o Mar (turismo) e o Rio (cinema): Olhares Que Não Se Encontram**

Após fazer uma breve apreciação acerca da capacidade que o turismo tem de ocultar, e o cinema de ressaltar nuances da realidade, pretende-se aqui fazer uma modesta aplicação de tais pressupostos teóricos em uma cidade do nordeste brasileiro – possível exemplo da relação manipuladora da atividade turística, e da voz eloquente e popular da tradição oral e visual do cinema de periferia – A capital potiguar: Natal – Rio Grande do Norte. Tal cidade será abordada em dois formatos. O primeiro ocorrerá a partir de uma pesquisa empírica sobre os traslados, locais mais visitados, e práticas de lazer dos turistas que chegam a Natal. Em segundo momento se analisará o discurso midiático - documentário de 19 minutos – enredado em um bairro da periferia no ano de 2008.

O destino turístico da Grande Natal (Natal, Parnamirim e Extremoz) é um pólo que compreende o circuito mais procurado do estado do Rio Grande do Norte. E mesmo estando em uma posição de destaque no *ranking* dos destinos mais visitados do Brasil, o processo de turistificação da cidade é bastante recente. A alavancada desse fenômeno ocorreu nas últimas décadas. E essa apropriação do fenômeno turístico pela cidade – ou seria da cidade pelo turismo? -pode estar ocorrendo de maneira a gerar uma experiência irreal do turista que o destino visita. Aspectos de manipulação de seu olhar, de uma vivência no destino díspar da realidade local, com características estereotipadas, alegóricas ou destoadas da cultura natalense, ou ainda um muro segregador que impossibilita à relação entre visitante e visitado, podem está sendo construído.

Os locais por onde o turista circula em todo o momento é manipulado para, de certo, maquiagem as realidades estruturais e humanas da cidade - favelização de algumas áreas, pedintes nos sinais de trânsito, má qualidade das estradas, etc. Os passeios não priorizam o

contato com a sociedade local de maneira espontânea. Os turistas são convidados a visitar apenas trechos da região costeira, deixando de conhecer os principais atores e cenários (cultura e lazer local) do destino turístico que escolheram para suas férias. Natal enquanto *pseudo-lugar* (CRUZ, 2007) torna-se evidente por diversas obras estruturais (traslado aeroporto – núcleo de hotéis) e movimentações ocorridas nos últimos anos. O bairro e praia de Ponta Negra (principal cartão postal da cidade, e exemplo disso), denominados de “ilha turística”, vêm a margem de sua estrutura com calçadão iluminado, shoppings, belos hotéis e restaurantes, rodovias pavimentadas e bem sinalizadas, acrescidos de segurança e limpeza, uma realidade paralela, em que turista não é convidado a entrar.

Outro aspecto que se percebe no produto turístico Natal, é uma desenfreada e aculturante apropriação do território pelo mercado internacional. Os *fantasy-names* dos estabelecimentos, seus *menus*, os ritmos musicais das *night clubs*, e os dromedários do *Sahara* de Jenipabu, não foram *made in Brazil*, e podem, mesmo acreditando que a formação da identidade é contínua e mutante, estar (re)formulando ou desconstruindo os códigos socioculturais de Natal pelo turismo. A representação do lugar absolvida pelo turista certamente será contrastada com a primada pelos residentes.

Com relação à capacidade do filme de ultrapassar o limite da tela de projeção, de comunicar, de convidar a entrar no cotidiano da cidade, tem-se a obra *As Ruas do Rio – baseado em vidas reais ao redor de um ex-rio* (2008). O documentário produzido por dois professores de um projeto de inclusão social (Cláudio Martins e Cíntia Sá) realizado numa comunidade periférica de Natal (Bairro das Quintas), é resultado de um trabalho desenvolvido pelos educadores e seus alunos (jovens e adultos), que entrevistando moradores do bairro, e se utilizando de tais depoimentos, acrescidos de reproduções imagéticas do presente e do passado do lugar, revelam uma história de exclusão social extrema, miséria, insuficiência de serviços de educação e saúde, além de atos de violência, tráfico de drogas e impacto ambiental grave sobre o *rio das lavadeiras* (canal largo de esgoto a céu aberto) que corta o local.

Ao serem questionados sobre a história do bairro, que está totalmente indissociável ao rio, os moradores mais antigos recorrem sempre a um tempo longínquo em que se podia nadar, lavar roupa (rio era conhecido como recanto das lavadeiras da cidade), pescar e até mesmo tomar a água do rio, que hoje é canal de esgoto *in natura*, condutor de lixo hospitalar, de dejetos de bairros circunvizinhos, e proliferador de mau cheiro, insetos e doenças. As

imagens exibidas no vídeo colaboram para entender a relação saudosista e de pertencimento desses moradores com a memória de tal rio, e sua frustração com os caminhos que o tornaram incapaz de ser cenário de lazer e sustento de antes.

As relações sociais que se estabelecem neste bairro também são bastante elucidadas no enredo do filme. Os depoentes parecem apontar o poder público como apático na busca por melhorias estruturais do local (conhecido também como *Favela do Japão*), mas compreendem que o processo de apropriação desordenada do território promovida por eles mesmos, e a falta de conscientização da comunidade em terem posturas de educação ambiental (jogam seus dejetos, lixo, e até móveis velhos no rio) contribuem para o estado desolador da comunidade.

### *OCAOSURBANO*

O caos urbano  
Sem urbanidade  
Violento, nada lento  
Acelerado tormento  
Em todas as direções  
E sem sentidos  
Umbigos  
Destinos idos  
Escorrem e escorregam  
Vidas sem vida  
Abrem as valas, valas  
Falta dedo, dente, letra  
Câmbio, câmbio, cambio  
Ao quê, aonde, porque!  
Rio de lama  
Límpido passado  
Passam horas  
Tempo ingrato  
Ruas-ruelas-vielas  
Becos, mais becos  
Misericórdias

A esperança pirou  
O futuro é distante  
E não sabem  
Quando ou onde!  
Gritos e prantos  
Silêncios nos peitos  
Receios e angústias  
Recreios tardios  
Nas ruas  
Nuas  
Não nas escolas  
As casas são casas!  
Mal cabem no chão  
Papelão!  
Era lixo, hoje trabalho  
Trabalho, mermão!

*Poema de Cláudio Martins recitado durante os créditos do documentário.*

Drogas e bolas  
Crianças, pivetes e balas!



Por falta de apoio do governo, assim como por seu crescimento acelerado e de maioria eminentemente carente e vinda do interior do estado, o bairro também é cenário de outros problemas sociais latentes. Para além das habitações irregulares em áreas de possível desabamento, e alagamento, os moradores (adultos e crianças) também têm sido vítimas da falta de instituições de ensino, do abandono no que tange a saúde, e de conflitos do tráfico de drogas, geradores de agressões e homicídios, chegando a arremessar corpos no canal. Existem “becos” do bairro conhecidos pelas práticas ilegais e periculosidade, são: o beco da *Trairage*, do *Cocó*, da *Vida-Loca*, onde a ordem não alcança.

Entretanto na contramão de todo esse enclave social, personagens reacionários emergem desse ex-rio, a própria população (agora organizada – conselheiros comunitários) vêm desenvolvendo práticas para desarticular a violência e o tráfico, como é o caso da transformação da antiga área mais violenta do lugar em local de tranquila circulação, além de programa de melhora da qualidade de vida da população, com o apoio de grupos da UFRN, e outros parceiros.

Partindo dessa descrição das experiências promovidas ora pelo turismo, ora pelo cinema (de periferia), questiona-se aqui a motivação, o que anima cada uma dessas relações com a cidade onde discorre. Seja o cenário Natal-RN, ou qualquer outro centro urbano do Brasil ou do mundo, as experiências turísticas serão quase sempre, neste período pós-moderno, vistas com inquietação e cautela por um olhar mais crítico sobre a cidade. Criticidade essa que pode ser vislumbrada a partir da compreensão de fragmentos dessa mesma cidade – denunciada ou celebrada – pelos roteiros de cinema local, que por hora, derruba o muro que separa a cidade real, da fictícia do turismo.

### **Considerações Finais – De Olhos Bem Fechados**

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso e, enquanto você acredita estar visitando Tâmara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria. (Calvino, 1995)

O fragmento acima retirado do livro *As Cidades invisíveis*, certamente quando escrito, não se tinha a pretensão de remeter-se a atividade turística. Entretanto recai sobre o fenômeno com bastante propriedade. Muitos turistas vivenciam páginas muito bem escritas e marcadas nos locais onde visitam, repetem um discurso, uma vivência muitas vezes enlatada, pouco

espontânea – IRREAL. Esse *confinamento territorial do turismo* (YÁZIGI, 1998), querendo encobrir as irregularidades do entorno ou sua cultura desinteressante ou complexa (criação de estereótipos), infelizmente não é mais uma tendência, e sim uma realidade, de apropriação da cidade pelo turismo, que com “suas estratégias capitalistas, visando ao espetáculo e ao embevecimento dos visitantes” (CORIOLANO, 2007), torna-se sinônimo de contradição ao que é vivido no cotidiano da cidade.

Enquanto o turismo “embevece” seus visitantes em um determinado espaço da cidade, o cinema de periferia reforça o entendimento de “lucidez” acerca dos conflitos, dos dramas, dos anseios e da cultura engendrada nas ruelas genuínas dessa cidade, onde em muitos casos a exclusão, o abandono representa melhor a realidade deste centro urbano. “O olho da câmera é mais perspicaz e mais apurado que o olho humano” (VERTOV, 1923, *apud* LABAKI, 2004) faz-se aqui uma reflexão com o turismo - e enquanto comunicador, fonte de elucidação das realidades encobertas pelo turismo, o recurso fílmico local acaba por transformar a forma como observa, entende e representa a cidade (KELLNER, 2001) por um grupo que mesmo com motivação específica, representa um olhar sobre parte deste lugar.

Por fim, apesar de denotar neste artigo a porção manipuladora de algumas experiências turísticas, e a condição denunciadora da realidade local por parte do cinema de periferia, não se tem aqui a pretensão de concluir que ambos não podem assumir papéis opostos – turismo revelar e cinema alienar. Eles jamais podem ser pensados de maneira determinante, como cópia exata da realidade (ou não) de qualquer cidade. É preciso muito mais aprofundamento para entender os mecanismos de ocultação e comunicação da realidade por parte dessas duas experiências típicas da sociedade pós-moderna de consumo.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Silvana M. **Artifício e autenticidade:** o turismo como experiência antropológica. IN: BANDUCCI JR.; Álvaro. BARRETTO; Margarita. (Orgs.) Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica. Campinas: Papyrus, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução: Maria Lúcia Pereira. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1994 (Coleção Travessia do século).

BACAL, Sarah; MIRANDA, Sônia M. A. **Impacto do turismo nos núcleos receptores:** necessidade de normatização. IN: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) Turismo: desenvolvimento Local. São Paulo: Hucitec, 2ª ed. 1999.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e simulação.** Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BOORSTIN, D. *The image: A guide do pseudo-events in América*. Nova York: First Vintagebooks Edition, 1992.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi/ São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Fronteira Nova, 1994.

CASTROGIOVANNI, Antônio C. **Turismo e ordenação no espaço urbano**. IN: CASTROGIOVANNI, Antônio C. *Turismo Urbano*. São Paulo: Contexto, 2000.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T.; SILVA, Sylvio C. Bandeira. **Turismo e geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: EdUFCE, 2005.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **Turismo e meio ambiente: interfaces e perspectivas**. IN: CORIOLOANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio P. (Orgs.) *Fortaleza: EDUECE*, 2007.

COSGROOVE, Denis. **A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.

COSTA, Maria Helena B. e V. **As Paisagens urbanas e o imaginário fílmico**. IN: COSTA, Maria Helena B. e V. ; VALENÇA, Márcio M. *Espaço, cultura e representação*. Natal: EDUFRN, 2005.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2007. v. 1. 140 p.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagem e imaginário**. São Paulo: ALEPH, 2005.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução: Ivone Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

LABAKI, Amir. Adeus a Jean Rouch. **Revista É tudo Verdade**, São Paulo, 2004. Trabalho apresentado no 13º Festival Internacional de Documentários, São Paulo, 2008.

PESAVENTO, Sandra J. **A Cidade maldita**. IN: SOUZA, Célia F. de, PESAVENTO, Sandra J. (Org.) *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Ed. Universitária/ UFRGS, 1997.

TRIGO, Luiz G. G. **A Perda e a falta**. IN: CARVALHO, Maria C. M. de. (Org.) *Paradigmas filosóficos da atualidade*. Campinas: Papirus, 1989.

URRY, John. **O Olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel, Sesc, 2001.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo, uma esperança condicional**. São Paulo: Contexto, 1998.

YÁZIGI, Eduardo. **A Alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001 (Coleção Turismo Contexto).

WOODWARD, Kathyn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e Diferença: a pesquisa dos estudos culturais**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.